



B

entrevista



R COLARINHOS RANCOS

PAULO MORGADO FAZ UMA VIAGEM – SATÍRICA, MORDAZ,
IRÓNICA E SÉRIA – AO MUNDO DOS CRIMES ECONÓMICOS.
RELATOS EM FORMA DE CONTOS QUE NÃO SÃO DA CAROCHINHA.

DEPOIS DE TER EDITADO AS OBRAS «O PROCESSO NEGOCIAL», em 1994, e «Cem Argumentos», em 2003, Paulo Morgado delicia-nos com vinte e oito contos em forma de livro e uma entrevista onde nos fala de truques, golpes e crimes que têm sempre o mesmo denominador comum: dinheiro fácil.

Quando e como é que decidiu fazer este livro de contos?

À medida que fui fazendo pesquisas para os livros que escrevi anteriormente, confrontei-me com informação e artigos que tinham a ver com o que estava para lá numa negociação dentro dos limites daquilo que era legal ou o ético. E comecei a interessar-me por vários tipos de crimes de colarinho branco.

Investiguei a fundo a partir de 2003 e depois tive uma dúvida em relação ao formato do livro: tinha a ideia que queria ser exaustivo no tratamento dos vários assuntos de colarinho branco mas queria escrever um livro que pudesse abordar as matérias, que pudesse ser lido. E julgo que um livro de contos é sempre muito mais lido do que um livro técnico; depois, queria poder fazer um bocadinho de sátira social pois vivemos



num país onde o tema está na moda; e um livro de contos também se adapta melhor à sátira social do que um livro técnico. E foi por estas razões que surgiu a ideia de fazer um livro de contos.

Os contos têm uma forte ironia...

Sim, sim. Há uma coisa muito interessante neste tipo de crimes de colarinho branco, sobretudo naquele crime mais de rua: o enganado acaba quase sempre por ser vítima da sua ganância. Portanto, a forma de retratar tudo isso é utilizando essa ironia, que vem dessa faceta, ou seja aquele que julga que vai dar o golpe acaba por ser ele próprio a sofrer o golpe. E vem, também, dum gozo pessoal em falar dum tema – que não é muito comum – para que, quem vai praticando esses crimes, se sintam um pouco mais a descoberto com a divulgação dos mecanismos.

As pessoas ficam mais alertas?

Acho que sim. Quem lê o livro fica mais alerta pois nem sempre alguns tipos de crimes são assim óbvios para todas as pessoas.

Uma coisa muito interessante é que, neste tipo de crimes, normalmente todas as pessoas querem dar uma ideia de que a eles nunca lhes aconteceria nada idêntico. Mas não é assim, pois há empresas no nosso mercado que acabam de ser vítimas de truques e de crimes que são mais velhos do que se possa imaginar.

Por exemplo...

Ainda há uns meses vinha a notícia de duas empresas de bebidas que tinham sido vítimas da mesma burla e que consiste no seguinte: alguém vai fazendo encomendas, sempre maiores e paga a pronto até criar um capital de confiança muito grande no fornecedor; num determinado momento, faz uma encomenda que é o dobro do habitual mas já a crédito. E é exactamente nesse momento em que quem vende a crédito que nunca mais vê o dinheiro.

No fundo, um crime vulgar, que se vê no dia-a-dia nos cafés, restaurantes, na rua mas adaptado às empresas.

Nem mais. Este tipo de crimes é o prato do dia. Conhecemos e lidamos com casos destes constantemente.

Mas esses não são de colarinho branco. O que é um crime de colarinho branco, afinal?

Normalmente há duas visões para se defi-



O CRIME DA CORRUPÇÃO É UMA DAS PRINCIPAIS CAUSAS DO SUBDESENVOLVIMENTO DE UM PAÍS POIS ACENTUA AS DISTRIBUIÇÕES ASSIMÉTRICAS DE RIQUEZA. PORTUGAL ESTÁ EM VIGÉSIMO QUINTO LUGAR

nir os crimes de colarinho branco: uma que diz que o crime de colarinho branco é todo o crime que se traduz num ganho económico para quem o pratica; e outra que diz que o colarinho branco é praticado por pessoas de uma determinada classe social.

Que é, regra geral, o que as pessoas mais identificam...

Exactamente. Mas aqui é na acepção do

crime económico, do crime que não envolve violência, nem força, mas sim um crime em que as pessoas são levadas a «entregar» o dinheiro de livre e espontânea vontade.

Como é que as pessoas, os seus pares, reagiram a este livro? Até pelo prefácio da Maria José Morgado...

O prefácio da Maria José Morgado veio pelo seguinte: sendo um livro que identifica, no fundo, uma série de golpes que podem ser feitos, eu nunca o publicaria sem deixar claro que é um livro que pretende combater esse tipo de crime e não fomentá-lo. E a melhor chancela que poderia ter era a da Maria José Morgado, ou seja, do Ministério Público. Foi essa a principal razão de ser do prefácio da Maria José Morgado

E as reacções.... Isto é, não o questionaram as razões de ter entrado por este tipo de assunto?

Algumas sim. Mas aquelas pessoas que já sabiam que eu tinha o hobby de escrever não estranharam. Mas, posteriormente, percebi que este tipo de assunto interessa a vários tipos de pessoas da nossa sociedade.

Como assim?

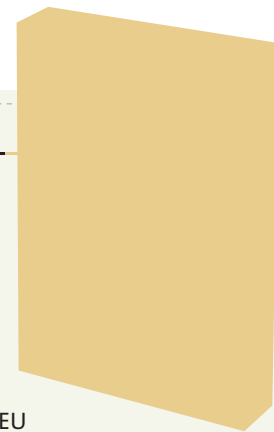
Repare: o livro foi apresentado pelo Ferraz da Costa, pelo Sérgio Figueiredo, pelo Jorge Black ?, pelo António-Pedro Vasconcelos e Maria José Morgado.

Um leque variado...

Exactamente. Quis retirar estes temas do poder judicial e dos jornalistas, que são, normalmente, quem se interessa por estas questões.

Não houve, portanto, ninguém a mostrar desgosto pela sua «incurião», chamem-lhe assim, pelos crimes de colarinho branco.

Não, não houve. E se quer saber, estranharia que isso acontecesse pois, como se costuma dizer, quem não deve não teme. Se alguém ficar melindrado, pois que fique. Eu não deixarei de cumprir a minha missão social.



Um dos crimes que transformou em conto é o da corrupção. Como encara este fenómeno?

Antes de mais, considero que o crime da corrupção é uma das principais causas do subdesenvolvimento de um país, porque cria distribuições assimétricas de riqueza.

Existem estatísticas sobre os crimes de corrupção mais evidentes em Portugal?

Segundo as últimas estatísticas, Portugal situa-se entre o vigésimo quinto e o vigésimo sétimo lugar nos índices de corrupção internacionais. Contudo, há poucas estatísticas sobre corrupção.

É uma pecha na nossa sociedade...?

É, sem dúvida. A corrupção é um crime em que nenhum dos que o pratica lhe interessa denunciá-lo. Assim, não há uma vítima, verdadeiramente, no crime de corrupção. Quanto muito a vítima é o erário público nuns casos, as empresas noutros. Mas quem o pratica não tem razão para o denunciar.

A não ser quando se zangam...

... as comadres! Aí, sim, pode vir ao de cima a denúncia. Embora com alguma dificuldade.

E as estatísticas internacionais não ajudam a perceber o problema?

As estatísticas internacionais que existem são úteis porque medem os níveis de corrupção nos vários sectores da economia, em que a construção civil aparece à cabeça. Em Portugal, as estatísticas que eu conheci são apenas aquelas em que identificam o maior número de funcionários sob suspeita.

Como é que se mede a corrupção num país?

Podemos utilizar um modelo brasileiro recente em que existem quatro grandes indicadores que fornecem a maior propensão para um país se deixar envolver, ou não, na corrupção. O primeiro tem a ver com o financiamento dos partidos: quanto menor é a transparência maior é a corrupção; se essa transparência for

DIÁRIO DE TREINO

UM DOS CONTOS QUE PAULO MORGADO ESCREVEU É ESTE DIÁRIO DE TREINO, OU SEJA, A INTRODUÇÃO NO MUNDO DA CORRUPÇÃO. ORA LEIA O MAIS IMPORTANTE DESTE CONTO

Era o meu primeiro dia de trabalho. Encontrei-me às oito da manhã para tomar o pequeno-almoço com o meu «professor» - o Alonzo. Tinham-me dito durante o recrutamento que a primeira semana seria para aprender o que era o fio da navalha. Na altura não consegui entender de imediato o que é que aquilo queria dizer. Depois explicaram-me - «esse sector só funciona com gasosa». Continuei sem perceber. «Corrupção, estás a ver António?» - começava a ver. Mas eu precisava daquele emprego.

O Alonzo não era homem de muitas falas. Quase me tinha descomposto por interromper a leitura matutina do seu jornal. Acabou por me dar boleia no seu Chevrolet Monte Carlo...

«Conhecem algum termo depreciativo para quem corrompe?» Ainda tentei balbuciar uma resposta, mas a minha intenção foi cortada. «Claro que não. Depreciativo é ser corrompido - a esses é que chamam corruptos. Até o Código Penal atribui uma punição menor àquele que corrompe (6 meses a 5 anos) do que àquele que aceita corromper-se (1 a 8 anos).

Depois desvalorizou ainda mais o pecado, com a explicação de que havia uma figura na lei que praticamente não tinha punição associada - «a corrupção para a prática de actos lícitos. Essa corrupção (se assim se podia chamar, segundo ele...) era, aliás, considerado um mal menor face à necessidade de contornar a praga da burocracia.

Já estava quase convencido de que a corrupção não era um pecado capital. (...)

A noite estava fria. Calcei as luvas e fui para casa. Repeti mentalmente as três partes do curso: estuda as formas de pagamento, estudando os hábitos do corrupto; concentra-te na mecânica do corrupto - problema, alternativas (ou a sua eliminação) e escolha; e, finalmente, não deixes rasto - faz as coisas de boca e em notas.

Cheguei a casa. Descalcei as luvas e fiquei pensativo a olhar para elas. Depois, já na cama, escrevi estas páginas no diário.

Um ano mais tarde tê-las-ia escrito com a Sheaffer Mount Everest - oferecida por um fornecedor. Dois anos mais tarde teria verificado a hora de apagar a luz no meu Daniel Roth Papillon - oferecido por um cliente a quem autorizei um desconto nunca antes imaginado.

Nunca aceitei carros. Têm matrícula.

Há dias vi o Alonzo. Continua igual. Perguntou-me, no seu tom arrogante, se ainda me lembrava do curso. Respondi-lhe que sim. Perguntou-me se já me tinha servido para conseguir obter os préstimos de alguém. Respondi-lhe que não. Riu-se com ar de desprezo, abanando a cabeça, enquanto entrava no seu «Chevi». Será que não percebeu? Ou percebeu? Da minha boca nada sairá.

Um corrupto deve saber guardar silêncio.

CONDENSADO DO LIVRO «CONTOS DE COLARINHO BRANCO», DE PAULO MORGADO. PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 2005. PUBLICADO COM A PERMISSÃO DO AUTOR E DA EDITORA.



maior, também se dilui e muito a possibilidade de alguém com responsabilidades executivas no governo de ficar a dever favores. O segundo, que muitas vezes é apontado como um combustível para a corrupção, é a burocracia. O que se compreende pois a burocracia é um conjunto de entraves e a corrupção nasce, normalmente, do retirar do entrave para conseguir alguma coisa. O terceiro, e utilizando um termo brasileiro é a «sucateização» do Estado. Ou seja, a incapacidade que o Estado tem em identificar os fenómenos de corrupção ou mesmo identificando-os conseguir puni-los.

O que, convenhamos, é uma tarefa difícil.

Pois é. E lá voltamos à questão inicial: a corrupção nada mais é do que uma troca de favores, e muitas vezes nem sequer monetários. Só que a corrupção é viral: é de fácil propagação e corrói as defesas, neste caso do Estado.

E o quarto indicador?

É o índice de convivência da sociedade civil. Vimos, ainda há pouco tempo nas eleições autárquicas portuguesas, um índice de convivência elevado. Por outro lado, existem razões culturais e sociológicas que transformam os autores de corrupção em heróis.

Mas a convivência vai para além desse aparente distanciamento, não?

Claro que sim. Muitas vezes a convivência existe porque há muitos «telhados de vidro» e qualquer coisa que se diga pode ter efeito boomerang. Por outro lado, os jornalistas ou quem lhes paga, actualmente, vivem de publicidade e, portanto, também têm que ter calma. Tudo isto é convivência da sociedade civil.

Embora as assimetrias sociais também ajudem. Ou seja, num país com assimetrias sociais acentuadas, e para além dos quatro indicadores que explicou, é mais fácil a existência de corrupção.

Sem dúvida. As assimetrias sociais e económicas têm um elevado peso. E Portugal é, cada vez mais, um país com

características sul americanas, em que o fosso entre os mais ricos e os mais pobres é acentuado e em que a concentração de riqueza está numa percentagem reduzida dos mais ricos.



NUNCA FOMOS UM PAÍS COM UMA LÓGICA DE CRIAR VALOR. NÓS FOMOS MAIS APROPRIADORES DE VALOR. ÍAMOS BUSCAR AS COISAS - COM MÉRITO, OBVIAMENTE - MAS APENAS PARA NOS APROPRIARMOS DELAS.

Mas sendo nós um país europeu, inseridos na União Europeia, como uma cultura europeísta, a que se deve essa característica «sul-americana»?

Não nos podemos esquecer da nossa evolução recente. Portugal foi um país que viveu no fascismo até 1974 e que despertou para o mundo a partir daí. Temos, portanto, uma história muito

recente de liberdade. Houve um atraso que se criou por não termos acesso à informação e ao que se passava no mundo. Por exemplo, aquilo que não era censurado para um francês ler poderia sê-lo para um português. Também não nos podemos esquecer que nunca fomos um país com uma lógica de criar valor. Nós fomos mais apropriadores de valor. Íamos buscar coisas – com mérito, obviamente – mas para nos apropriarmos delas.

Por outro lado, a nossa educação não é algo de que nos possamos orgulhar. Não tivemos um passado de investimento em infra-estruturas para a educação das pessoas.

Portanto, a forma como nós tivemos acesso, de repente, ao dinheiro que veio da União Europeia, à capacidade de endividamento, que também veio da União Europeia pela descida das taxas de juro, habituou as pessoas a obter os bens sem lutarem por eles duma forma normal.

Esse dinheiro foi bem distribuído e investido?

Esse dinheiro foi distribuído por quem teve mais capacidade e poder para se apropriar dele. Não foi dinheiro que foi investido na criação sólida duma base que começa pela educação e que faz com que as pessoas se desenvolvam, que exista uma classe média forte e conhecedora. Ora, isso distanciou-nos da Europa. E aproximou-nos de alguns países da América do Sul.

Considera que a chamada «cunha» é corrupção?

Essa pergunta tem-me sido feita várias vezes. Em termos objectivos, considero o seguinte: neste mundo com excesso de informação, tudo o que seja um pedido de ajuda para navegar melhor não considero que seja criticável. Por outro lado, tudo o que seja utilizado que contrarie as regras de concorrência, para mim é muito criticável.

Mas não gosto muito de misturar este tipo de coisas criticáveis com o crime de corrupção.